

Giovanna Ravanelli Fidelis

# KALON

A catarse através da fotografia  
enquanto linguagem de moda

Universidade de Ribeirão Preto

# FICHA CATALOGÁFICA

*Para a minha família, que, por me amar com tanto esmero,  
permitiu-se crescer nas sombras de um sonho.*

# AGRADECIMENTOS

Dizem que somos a soma de todas as pessoas que conhecemos em nossas vidas. Eu acredito que somos a soma de todas as pessoas que amamos, todos os dias.

A partir desta concepção, agradeço cada um que faz parte de mim, contribuindo com parcelas de conhecimento e carinho.

Agradeço ao Jeff, por ser meu professor e amigo durante toda essa jornada; à minha mãe, Luciana, ao meu pai, Wagner, e à minha irmã, Daniela, por tornarem minha casa um lar seguro; e às minhas amigas, Beatriz e Letícia, por todo o suporte, risadas e boas músicas a cada ensaio.

Sou grata a vocês e entendo que nada disso seria possível sem sua presença constante em meu coração e pensamento.

Acima de tudo, sou grata a Deus por tantas bênçãos, pela força que me sustenta e pela luz que guia cada passo do meu caminho.

# INTRODUÇÃO

Quando comecei este projeto, percebi que a fotografia de moda, mais do que um registro de estilo, é um espelho e, ao mesmo tempo, uma invenção. Ela reflete o que somos, mas também o que a sociedade espera que sejamos. Por trás de cada pose, luz e página de revista, existe uma construção simbólica que molda olhares, corpos e comportamentos. E foi justamente esse jogo entre imagem e imaginário que me levou a criar Kalon.

Entre 1995 e 1999, as capas da Vogue Brasil, maior referência editorial de moda do país, apresentaram uma beleza quase intocável. Eram mulheres magras, brancas, de traços eurocêtricos, que personificavam o ideal de perfeição. O texto falava de saúde e autoestima, mas a imagem dizia outra coisa. Essa contradição me fez questionar o papel do Jornalismo de Moda na formação dos nossos desejos e na maneira como enxergamos nossos próprios corpos.

Ao longo do estudo, busquei compreender esses signos, apoiada nas teorias de Peirce e Bourdieu. A semiótica me ajudou a ler as imagens como linguagem e a entender o que é dito sem palavras. Já o pensamento de Bourdieu revelou o poder simbólico por trás dessas construções visuais: a legitimação silenciosa de um padrão de status, beleza e comportamento.

Kalon nasce, então, como uma catarse, um convite à releitura dessas imagens. Reproduzi cinco capas da Vogue Brasil, mas agora com mulheres de diferentes idades, tons de pele, pesos e curvas de cabelo. Cada fotografia é uma resignificação, um gesto de reconstrução. É olhar de novo para o mesmo enquadramento, mas ver nele o que sempre existiu e nem sempre foi mostrado; a pluralidade do corpo feminino brasileiro.

Usei o celular como ferramenta de captura, porque ele representa o tempo em que vivemos, em que qualquer um pode ser fotógrafo, e toda imagem pode ser um manifesto.

Este fotolivro é, ao mesmo tempo, um desabafo e uma esperança. Um exercício de enxergar a beleza não como moldura, mas presença. Porque, se por muito tempo a moda nos ensinou a caber, talvez agora seja hora de expandir.





Na edição de fevereiro de 1995 da Vogue Brasil, a capa apresenta a frase “Cuidado com o excesso de exercício”, ao mesmo tempo em que anuncia as tendências das coleções Primavera-Verão Nova York 94/95, destacando a valorização dos cabelos cacheados. Em contrapartida, a imagem escolhida retrata uma mulher magra, branca, loira e de cabelos lisos. Essa discrepância evidencia a dualidade entre a mensagem verbal e a não verbal, que, combinadas, influenciam de maneira significativa a forma como o público interpreta e consome as informações.



**Aisha Madison Rodrigues**, 21, psicóloga, relata que, enquanto posava, refletia sobre como “essas imagens são extremamente pensadas, quando se trata de revista. Nada ali é por acaso, tudo tem um propósito para transmitir a mensagem a ser passada”.



**Qual é a peça de roupa que te faz sentir mais confiante?**

*Acho que as minissaias. Por muito tempo, elas foram motivo de julgamento na sociedade. Toda roupa que mostra o corpo da mulher é muito julgada, e a minissaia sempre foi um símbolo disso. Então, pra mim, é a peça que mais me deixa confiante, porque representa ir contra o que as pessoas dizem. Meu corpo já é, por si só, uma forma de resistência, e a minissaia reforça isso.*

**Existe alguma “regra” de moda que você já seguiu e hoje em dia ignora?**

*Quando eu era mais nova, existia aquela ideia de que eu tinha que usar certas coisas e não podia usar outras, por causa do meu gênero. Por um tempo, segui esse tipo de regra. Hoje, já me desconstruí nesse sentido.*

**Qual foi a primeira revista de moda que você comprou ou folheou?**

*Acho que foi uma Vogue, há muitos anos. Não lembro quem estava na capa, mas lembro que o cabelo era muito esvoaçante. Sempre fui fã de cabelão, desde sempre. Eu não cheguei a comprar, mas foi a primeira revista de moda que me interessou de verdade*

**Você costuma se identificar com as modelos nas capas de revista?**

*Hoje em dia, sim. Mas quando eu era mais nova, não, porque não tinha tantas pessoas parecidas comigo. Hoje a gente tem a Alex [Consani], que é uma mulher trans em destaque no mundo da moda. Tivemos por muito tempo a Naomi [Campbell], mas era só ela. Por muito tempo eu não me via representada. Na Capricho, por exemplo, nunca teve uma mulher negra, a primeira, se não me engano, foi a Duquesa, em 2025. Então a representatividade vem crescendo, mas ainda precisa de mais espaço.*

**Se você pudesse criar a sua própria capa de revista, como seria?**

*Seria igual à capa da Duquesa, que a Capricho fez recentemente. Ela trouxe muito do hip-hop e do rap. Então acho que seria algo com essa força, bem feminino e com magnitude.*

**Se pudesse dar um conselho para a sua versão mais nova, qual seria?**

*Acreditar mais em mim mesma. Acreditar no poder que existe dentro de mim. Eu sou muito inteligente, mas por muito tempo não achava que era. Então, diria pra confiar no meu potencial, nas minhas escolhas. Minha transição aconteceu um pouco mais tarde do que poderia, porque eu duvidava de mim. Então, o conselho seria: confia. Persiste.*



*“A moda significa evolução, significa expressão, significa me posicionamento.”*

*“Acho que uma revista tem que passar autenticidade.  
Ela precisa ser inovadora, trazer verdade.”*



*“Sou uma pessoa que ama poesia. Sou fanática por isso. Leio livros que me ajudam muito no meu desenvolvimento psíquico e na minha comunicação. Acho que a poesia me ensinou a me posicionar melhor. Amo ler romances também. Sou uma pessoa que transparece energia feminina, mas também sou muito romântica. Acho que é isso”*

1996



Já na edição de fevereiro de 1996, com a modelo Virginia Punko fotografada por Bob Wolfenson, destacam-se chamadas que apresentam dicas e receitas voltadas a “preparar o corpo para as férias”. Paralelamente, surge a indagação: “Por que as mulheres estão sozinhas?”. A capa constrói, assim, um ideal de beleza que busca legitimar a preparação física como condição para que as mulheres possam sentir-se confortáveis ao aproveitar o verão brasileiro. Essa narrativa, sustentada por um viés sócio-histórico, reforça a ideia de que o corpo curvilíneo deve ser moldado para alcançar um padrão considerado perfeito, ainda que inatingível, ao mesmo tempo em que expõe a necessidade de analisar a solidão feminina.



**Lulu Avalloni**, 30, diretora de arte, expõe a ironia ao apontar a promoção de padrões ambíguos. “Acho que é um retrato, mas não posso dizer que é um retrato da época, porque é bem atual, na realidade, do que a gente passa enquanto mulher. Nessa época, a gente tinha uma revista perguntando ‘por que as mulheres estão sozinhas?’ e, ao mesmo tempo, fazendo elas acharem que o corpo delas é errado, de alguma forma”, analisa.



**O que a moda significa para você no dia a dia?**

*A moda, pra mim, é uma forma de arte. E é por isso que se expressar e estar em contato com a arte tem que ser algo democratizado, pra todas as pessoas. Isso é muito importante.*

**Qual foi a primeira revista de moda que você comprou ou folheou?**

*Acho que foi a Capricho. Quando eu era adolescente, eu amava minha Capricho Revolt. Eu lembro que sempre vinha com muito estilo, muita expressão e cores. Infelizmente, quase nunca tinham pessoas parecidas comigo, mas já era um começo, e isso me interessava.*

**Você costuma se identificar com as modelos nas capas de revista?**

*Não, eu nunca me vi. E não só eu nunca me vi, como as pessoas ao meu redor também não me viam. Quando a gente não se vê representada nas coisas, é muito ruim e faz com que os outros também te vejam de uma forma diferente.*

**O que você acha da representatividade da beleza em editoriais de moda? Você se sente representada?**

*Com certeza existe um padrão de beleza que privilegia algumas pessoas em detrimento de outras. E isso não é só uma questão de autoestima, vai pra camadas sociopolíticas, influencia até nas oportunidades de emprego. Então, sim, ainda é algo muito profundo e desigual.*

**Se você pudesse criar a sua própria capa de revista, como seria?**

*Acho que seria assim, sorrindo. Uma capa leve, verdadeira, com expressão. Com aquele brilho de quem está feliz de estar ali.*

**Qual é a parte do seu corpo que você mais gosta, e por quê?**

*Minha pele e minhas tatuagens, com certeza. Me tatuar sempre foi algo que elevou a minha autoestima. Comecei nova, e cada tatuagem me faz sentir mais confortável no meu corpo. Quando conheci a pessoa que me tatuava, foi uma experiência perfeita, me senti completa.*



*“Acho que uma capa precisa mostrar pessoas de verdade. E não falo só de corpos diferentes, mas texturas de pele e cabelos reais. Se for pra fazer algo fora da realidade, que seja artístico e surreal. O que não dá é pra apagar o que é humano.”*

*“A moda é uma forma de expressão, né? As roupas devem refletir o que a gente sente ou o que a gente quer sentir.”*



*“A Lu é uma pessoa que vive a política e o social de forma real. Tudo o que eu acredito em um âmbito sociopolítico, eu coloco em prática. A minha forma de lutar contra os problemas relacionados à beleza e à aceitação é, por exemplo, lutando boxe, MMA, fazendo treino de força. Eu lutei por muito tempo pra ser aceita pela sociedade, e hoje o que a sociedade acha de mim é o que menos importa.”*



Na edição de número 238, lançada no verão de 1997/1998, a Vogue Brasil traz em sua capa a modelo Milla, fotografada em close, com olhar intenso e postura confiante. Em destaque, a chamada “PLÁSTICA: como evitar traumas” introduz uma narrativa que, sob o pretexto de orientar e alertar, naturaliza a cirurgia estética como caminho legítimo para alcançar o padrão de beleza vigente.



**Beatriz Jacomini**, 22, jornalista, analisa o conjunto com uma perspectiva profissional: “a capa representa muito do tempo em que foi publicada. A revista era referência de estética da época, o meio de comunicação com que as mulheres se identificavam e tinham, teoricamente, como um espaço seguro. Nesse contexto, quando olhamos para uma revista em que todas as chamadas são atreladas ao visual, [...] encontramos referências sobre um padrão de beleza muito limitante e inacessível. Essas referências reforçam todas as discussões acerca do mundo feminino que tivemos ao longo da última década”.



**Na sua opinião, qual é o papel de uma capa de revista de moda hoje em dia?**

*Eu acho que a revista sempre foi um espaço importante de comunicação do feminino. Mesmo que o impresso tenha perdido força, ainda é um símbolo de referência e prestígio. Estar na capa de uma Vogue nunca vai deixar de ter valor. Hoje, mais do que nunca, a revista posiciona o que é pauta, o que representa os valores do nosso tempo. Se tem uma mulher negra na capa, é porque esse é o tema da sociedade agora. A revista continua sendo um espelho do que está sendo dito no mundo.*

**Você costuma reparar nos textos das capas de revista? O que acha das chamadas que aparecem nelas?**

*Sim! Eu percebo uma transição clara. Quando eu era mais nova, as chamadas eram muito diferentes, e hoje há uma tentativa de pertencer. As revistas tentam mostrar que estão alinhadas às causas atuais, tipo “olha, também apoiamos a comunidade LGBTQIA+”, “também estamos nessa luta”. Mas, muitas vezes, isso soa forçado, quase como fachada. Falta autenticidade, sabe? Parece que não querem realmente revolucionar nada.*

**Se você pudesse criar a sua própria capa de revista, como seria?**

*Seria algo ousado, esquisito, no bom sentido. Gosto de capas que são performáticas, esotéricas, que têm conceito. Acho que moda, fotografia e arte são sobre performance, sobre fluidez. Quando é só bonito, perde o sentido. Eu também acredito que uma pose séria e neutra pode ser revolucionária em certos contextos, mas, no geral, gosto do divertido, do criativo. Sou desse partido.*

**Se sua autoestima fosse uma cor, qual seria?**

*Roxo. Ou vermelho. São cores quentes, intensas, têm algo de bruxaria, de poder.*

**Se pudesse dar um conselho para a sua versão mais nova, qual seria?**

*Se permita fazer as coisas do seu jeito. Quando eu era mais nova, ainda tentava seguir o que diziam ser certo. Com o tempo, fui desconstruindo isso e entendendo que posso fazer com o meu corpo e com a minha imagem o que realmente combina comigo e com a minha personalidade.*



*“Hoje, vejo um padrão de beleza muito específico sendo reforçado, com as harmonizações faciais e os filtros. Sinto que os rostos perderam personalidade. Todo mundo tem o mesmo rosto, o mesmo nariz fino, o mesmo contorno marcado. É como se a individualidade tivesse se perdido.”*

*“Sempre achei que o universo das revistas e das passarelas era algo paralelo, distante. Tudo parecia muito neutro e eu nunca me encaixei nisso. Desde tatuagens até cabelo colorido, eu sempre fui o oposto do que era mostrado.”*



*“Eu amo arte em geral, principalmente música. Com o tempo, a música se tornou uma parte essencial da minha vida. Hoje, mais do que jornalista, eu sou música também. Antes, achava que era só um hobby, algo temporário, mas percebi que as duas coisas coexistem em mim. Se uma faltar, eu deixo de ser eu. Cantar, estar no palco, é uma necessidade. É o que me traduz.”*

1998



Em maio de 1998, oito meses após a edição anterior analisada, chega às bancas uma capa bastante colorida, estrelada por Simone e fotografada por Roger J. Cabello. Nela, a imagem da modelo reforça o ideal de identificação dessa mulher leitora, mas contrasta com a instrução: “um físico quase perfeito, sem sofrimento”.

A ambiguidade linguística dessa mensagem revela-se delicada: a aparente valorização de um corpo alcançado sem dietas restritivas ou exercícios excessivos sugere um cuidado maior com a autoestima feminina. Contudo, subentende-se que a perfeição física, como representada, só seria possível mediante algum nível de sofrimento. Assim, a narrativa menos invasiva garante apenas uma parcela do que é construído como desejável.



**Majú Oliveira**, 22, psicóloga e artista, compartilha que, por causa da vida profissional, seus posicionamentos são necessários. “Eu percebi o impacto que uma foto pode ter, que a capa de uma revista pode evidenciar para alguém. [Esse ensaio] me mostrou a possibilidade de representar alguém”.



**Qual é a peça de roupa que te faz sentir confiante?**

*Calça! Eu sou uma pessoa que gosta muito de me movimentar, e a calça me dá essa segurança de poder fazer o que eu quiser, correr, dançar... Ela me permite liberdade.*

**Quando você se sente mais bonita?**

*Quando eu solto o meu cabelo. Porque o meu cabelo é, literalmente, a minha coroa. Eu nunca alisei, minha mãe nunca deixou. E, desde muito nova, sempre me vi linda com ele. Quando comecei a cuidar mais, percebi: esse é o meu lugar.*

**Você costuma se identificar com as modelos nas capas de revista?**

*Hoje em dia, sim, mais do que antes. Acho que as pessoas estão começando a prestar mais atenção na representatividade das modelos pretas, principalmente as que usam cabelo crespo. Quando vejo isso, penso: “estamos indo por um caminho legal”. Principalmente para as crianças que estão crescendo agora. Eu, como adulta, já consigo me blindar um pouco do racismo e do machismo que existem, mas pra quem está começando a se formar, isso é essencial.*

**O que você acha da representatividade da beleza em editoriais de moda?**

*Acho que melhorou, mas ainda tem muito pra avançar. As revistas e as marcas estão começando a mostrar mulheres pretas com tons de pele diferentes e isso é muito importante. Também vejo essa mudança nas novelas, que estão começando a retratar pessoas pretas de forma mais real, não como vítimas. É isso que a gente precisa, mostrar que estamos aqui, que temos muito a oferecer.*

**Qual foi a última vez que você se sentiu vulnerável? O que ajudou a se sentir forte de novo?**

*Quando eu era muito pequena, eu gostava de um menininho e ele gostava de outra menina, que tinha cabelo liso. Eu lembro que escrevi no meu diário: “ele gosta dela porque ela tem cabelo liso, e não gosta de mim porque eu tenho cabelo crespo.” Eu estava no sexto ano. Hoje, eu vejo o quanto esse pensamento me marcou. Eu superei muito disso com o tempo e a insistência da minha mãe foi essencial. Ela me moldou enquanto uma criança preta.*

**Qual é a parte do seu corpo que você mais gosta e por quê?**

*Do meu cabelo e da minha pele. São símbolos de resistência, eles contam a minha história e a da minha ancestralidade.*

**Se pudesse dar um conselho para a sua versão mais nova, qual seria?**

*Leia mais livros que te representem. Que contem a sua história como uma criança preta no Brasil. Leia sobre quem você é.*



*“Hoje em dia, a moda significa liberdade. Eu entendo a moda como um espaço de autoconhecimento, de libertação. É sobre ser eu.”*

*“Eu nunca tentei mudar meu cabelo ou diminuir o volume pra caber em um padrão. E agradeço muito à minha mãe por isso.”*



*“Sou uma mulher que ama cantar, e canto muito! (risos) Sou espontânea, às vezes impulsiva, engraçada... Mas também muito leitora. Acho que esse é um lado que as pessoas deviam ver mais em mim. O que eu sou no palco é o que eu sou no meu ambiente de trabalho, e o que eu sou fora dele também. Eu sou eu, inteira.”*



Por fim, em agosto de 1999, a revista Vogue Brasil trouxe Kate Moss, renomada modelo britânica, em sua estreia na publicação. O destaque fica para a chamada “decotes e fendas”, sugerindo um verão em que o corpo feminino deve ser ainda mais exposto. Contudo, é importante notar que tais recortes não se adaptam a todos os corpos, o que reforça a limitação dos padrões representados. Além disso, vale lembrar que Kate Moss foi uma das principais precursoras do conceito Heroin Chic, estética que se opunha à fotografia de moda tradicional, mas cuja construção estava associada ao uso de substâncias ilícitas, revelando as contradições entre idealização estética e seus bastidores.



**Carolina Pontes**, 41, publicitária, expressa que “apesar de sentir uma enorme dificuldade em posar, de me sentir segura e sem autocrítica com minha imagem, reproduzir essa capa foi um jeito de olhar para o passado e dizer que agora vai ser diferente. Dessa vez, a mulher da capa sou eu, com tudo que sou, com tudo o que carrego e com todos os meus ‘defeitos’ que me tornam única”.



**Quando você se sente mais bonita?**

*Quando acabo de correr. Quando estou suada, feliz, cheia de endorfina. Acho que fico superbonita.*

**Você costuma se identificar com as modelos nas capas de revista?**

*Acho que mudou muito. Quando eu era adolescente, eram sempre mulheres brancas, muito magras, altas, com cabelo comprido. Hoje em dia, me enxergo mais. Especialmente agora, que estou com 42 anos, acho que a presença de mulheres mais velhas vem crescendo, e isso é lindo. Então, sim, me identifico mais.*

**Na sua opinião, qual é o papel de uma capa de revista de moda hoje em dia?**

*Na minha época, as capas eram muito opressoras. Mesmo eu sendo uma menina branca, ainda era tudo muito distante. As revistas faziam você se sentir desconfortável na própria pele pra vender o que queriam vender. Então, hoje, acho que uma capa precisa justamente ir no caminho oposto: mostrar mulheres reais, diversas, que se reconhecem ali.*

**Se você pudesse criar a sua própria capa de revista, como seria?**

*Mostrando bem as minhas ruguinhas, que eu amo. Tenho essas linhas aqui embaixo dos olhos e acho lindas.*

**Qual foi a última vez que você se sentiu vulnerável? O que ajudou a se sentir forte de novo?**

*Muitas vezes, pra ser sincera, mas uma delas é quando pratico exercício na rua. O corpo da mulher ainda é visto como algo público. Às vezes, saio pra correr cedo e fico com medo, é um momento em que me sinto vulnerável. Se eu fosse homem, provavelmente não sentiria isso.*

**Qual é a parte do seu corpo que você mais gosta, e por quê?**

*Hoje, minhas ruguinhas. Eu acho lindas. E as tatuagens também, mas já até esqueço que tenho, porque são antigas. As rugas são novas, então chamo mais atenção pra elas.*



*“Hoje em dia, moda é conforto. Eu gosto de estar confortável. Mas também acho que é uma forma de expressão, sabe? É o jeito como a gente se coloca no mundo, como quer que as pessoas nos enxerguem.”*

*“Acho que as pessoas acham que eu sou mais forte e empoderada do que realmente sou. Eu transmito uma força que não sinto tanto.”*



*“Eu amo cinema, especialmente aqueles filmes mais cabeçudos, mais densos. Também encontrei uma paixão na corrida, que virou parte da minha rotina. Gosto muito de arte, de cozinhar, de comer coisas diferentes. E hoje, gosto de estar com meu gato, o Pudim, em casa. Sou uma pessoa simples, feliz, comum.”*

UMA JORNADA DE  
AUTOCONHECIMENTO

Em meio a tantas leituras, câmeras e reflexões, vi-me revisitando memórias antigas, junto à menina que cresceu tentando compreender os padrões das revistas que consumia e à jornalista que hoje entende que a narrativa deve ser, sempre, consciente.

Ver a beleza se desconstruir diante da lente foi, ao mesmo tempo, libertador e doloroso, porque, quando a imagem deixa de ser fantasia e se torna verdade, é inevitável enxergar o que existe por trás: a força, as marcas, os silêncios. Descobri que cada mulher fotografada carregava em si uma história, e que, talvez, o papel da fotografia seja justamente esse: revelar o invisível.

Mas o fechamento mais bonito de Kalon não veio das teorias, e sim das vozes das próprias modelos. Quando perguntei quem lhes vinha à mente ao ouvir o termo “ideal de beleza”, todas responderam: “a minha mãe.”

Ali, entendi que o belo não está nas revistas, nem nos espelhos, mas nas raízes. Está naquilo que herdamos sem perceber, na postura, no riso, nas mãos que vieram antes das nossas. É nas nossas ancestrais que mora a verdadeira imagem do que somos, imperfeitas, plurais e inteiras.

Kalon termina, então, onde tudo começou. No olhar feminino sobre si mesma. Sobre a mulher que se fez casa antes de nos entendermos enquanto pessoas no mundo. Mulher que veio de outra mulher e de inúmeras outras mulheres antes dela. De todas, recebemos características únicas e irrefutáveis, que nem mesmo as revistas mais influentes do mundo podem negar, mas devem tentar alcançar sua grandeza em uma comunicação mais humana e feminina.



*Minha mãe, Luciana.*



*“Navego pela memória sem margens”  
Cecília Meireles, trecho do poema “Explicação”*